

AU REVOIR, DONA MENINA

Keyla Carolina Perim Vale

Quanto tempo mais ainda temos? Depois que destampo a toalha amarela desta minha máquina de escrever, terei tempo suficiente para sonhar estas palavras? E se alguém chegar? E se acabar a água do copo e eu não entender nada? E se o tempo acabar sem esperança alguma? E se o cansaço vencer? Não sei...

Nesse meu-tempo, hei de sonhar alguma esperança. E para um sonho-esperança, lembro-me de uma paciente. E segue...

Dona Menina: uma senhora miúda, de passo estreito, cabelo pequeno branco-nuvem, chinela havaiana-que-voa, vestido leve-que-contorna, sorriso sincero-sem-dentes, conversa suave-que-me-marca... tudo isso incrustado nos seus quase cem anos de vida!

Então Dona Menina chega à recepção de meu consultório e de lá emite uns sons de respiro, de vida, quase um continuum de hã-hum, hã-hum, sinalizando sua chegada (sempre sem acender a luz, sem chamar, sem dizer... só inteirinha ali...). Eu a vejo e lhe peço para entrar.

Ela entra e bebe água, toda água de um copo cheio... arrasta a cadeira para bem pertinho da minha e, respirando ofegante, diz estar cansada. Pergunto a ela o que está acontecendo e ela me responde:

“A vida é dura, um sobe e desce muito grande. Um cansaço muito grande também. Se vou para um lado, caio no buraco; se vou para outro lado, caio também. Não tem saída, é triste! Se escorrego, deslizo direto para o buraco”.

Ela repete muito isso... e eu escuto muito isso.

E olhando para ela, reparo os olhos inchados e pequenos. Será que são lágrimas? Ela esteve chorando? Ou foi algo no corpo? Algo de vida? Em todo caso, para ela e por hoje, pôde vir me encontrar e passear. E é bom este passeio, Dona Menina? Neste passeio de agora você consegue dizer que pode morrer? (este foi

o primeiro dia, em três anos de análise, que ela disse concretamente, sem figurações, sobre morrer).

Então, depois que disse, ouvi uma sequência grande de palavras e frases completas que não compreendi nada... pareceu-me somente um som rouco tão de-dentro, feito para sentir, sem tentar entender; só murmurado e esmiuçado pelo olhar encantador do-dentro. Fiquei olhando sem entender o olhar...

Daí Dona Menina tem a ideia de tentar caminhar firme, sem cair e sem escorregar. Assim: “Se der para ficar firme eu posso me salvar; se não der, escorrego e vou...”.

Com esta fala, eu retomo a compreensão do som e reconheço a frase. Penso por um instante no que me aconteceu... me desliguei? Ela se distanciou para retomar a esperança da ideia, da firmeza da vida?

E para este último dia, como num derradeiro encontro, mesmo sem perceber que não mais seria ali outra vez, ela pega em minhas mãos, já que sua cadeira esteve sempre bem pertinho da minha, e diz: Nossa, suas mãos estão muito quentes! . E eu nem pude entender isso e ainda sem saber, sigo... Esperançando...

Hoje, para mim e por aqui, ainda neste ano, tudo esteve cheio: o copo de água e uma sessão inteira de um tempo de encanto.

Au revoir, Dona Menina.



Keyla Carolina Perim Vale é psicóloga e psicanalista, membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília e do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia.

